



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 9, art. 15, p. 299-317, set. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.9.15>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Percepções Sobre Sociedade e Estado a Partir da Semiótica: Olhares Enunciativos em Textos Sincréticos

Perceptions About Society and State from Semiotics: Enunciative Looks in Syncretic Texts

Thiago Luiz Sartori

Doutorando em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo
Mestrado profissional em Docência e Gestão Educacional pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Docente da Universidade Anhanguera de São Paulo, Campus de Vila Mariana
E-mail: tlsartori@hotmail.com

Bruno Gomes Pereira

Doutor em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins
Docente da Universidade Anhanguera / Centro Universitário Anhanguera Pitágoras Ampli
E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com

Endereço: Thiago Luiz Sartori

Universidade Anhanguera de São Paulo, Anhanguera
Educativa. Rua Afonso Celso - de 191/192 a 479/480
Vila Mariana, 04119001 - São Paulo, SP – Brasil.

Endereço: Bruno Gomes Pereira

Centro Universitário Anhanguera Pitágoras Ampli.
Av. Dr. Alberto Benedetti, 446, Vila Assunção
09020270 - Santo André, SP - Brasil

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

**Artigo recebido em 27/07/2022. Última versão
recebida em 10/08/2022. Aprovado em 11/08/2022.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar projeções e desdobramentos semióticos em textos sincréticos a partir da concepção enunciativa dos termos *Sociedade* e *Estado*, os quais apresentam origem sociológica, antropológica e filosófica. A Fundamentação Teórica está alojada no campo interdisciplinar dos estudos enunciativos da linguagem, estabelecendo-se na zona fronteira entre Semiótica Francesa e Filosofia da Linguagem. A Metodologia é de cunho bibliográfico e documental, pois entendemos que as obras de arte aqui analisadas, chamadas de textos sincréticos, colaboram para o desdobramento de sentidos no que se refere à interferência ideológica do Estado nos seus respectivos significados. As análises revelam que a construção semiótica dos textos, que constituem o *corpus* deste artigo, é motivada por discursos de uma sociedade capitalista, a qual acaba segregando os grupos sociais, dando margem à assimetria entre subordinantes e subordinados.

Palavras-Chave: Assimetria Social. Capitalismo. Discurso. Linguagem. Poder.

ABSTRACT

This article aims to analyze semiotic projections and unfoldings in syncretic texts from the enunciative conception of the terms Society and State, which have sociological, anthropological and philosophical origins. The Theoretical Foundation is housed in the interdisciplinary field of enunciative studies of language, establishing itself in the border zone between French Semiotics and Philosophy of Language. The Methodology is of a bibliographic and documentary nature, as we understand that the works of art analyzed here, called syncretic texts, collaborate for the unfolding of meanings with regard to the ideological interference of the State in their respective meanings. The analyzes reveal that the semiotic construction of the texts, which constitute the corpus of this article, is motivated by the discourses of a capitalist society, which ends up segregating social groups, giving rise to asymmetry between subordinates and subordinates.

Keywords: Social Asymmetry. Capitalism. Speech. Language. Power.

1 INTRODUÇÃO

Muito tem se questionado acerca do comportamento social a partir das ideologias de mercado. Aliás, muito tem que ser questionado sobre as possíveis influências exercidas pelo *Estado* na construção de uma sociedade dita efêmera e segregadora de valores e morais, seja no coletivo das relações humanas, seja na particularidade do homem enquanto ator social¹.

Nesse sentido, é pertinente considerarmos as projeções investigativas de Bauman (2008; 2004), as quais tentam explicar os fenômenos humanos a partir da fragilidade dos laços estabelecidos entre estes, de maneira a resultar na fugacidade de valores de uma maneira bastante expressiva. A partir das colaborações desse autor, entendemos que a sociedade do século XXI, caracterizada pela maneira movediça com a qual percebe o mundo em sua volta, tem apresentado sinais de saturação no que diz respeito à construção de algo sólido. Em outras palavras, a humanidade tem tendenciado um olhar de objetificação das coisas e das pessoas, o que nos faz entender a preferência por demandas superficiais, capazes de resumir o homem ao pensamento simplista da quantificação. É nesse entorno que o *Estado*, enquanto aparelho ideológico, parece se desenvolver de maneira até mesmo alienante.

No contexto social, em que pessoas de todas as naturezas se relacionam e, com isso, constroem uma rede de sentidos, entendemos que o *Estado* tem encontrado no próprio homem um mecanismo de autoperpetuação. Em outras palavras, é por intermédio da própria linguagem que as pessoas disseminam discursos de diferentes ordens ideológicas e, assim, ressignificam os fenômenos sociais dentro de um recorte de tempo e espaço (PEREIRA, 2022; PEREIRA, 2019; BLOMMAERT, 2014; BENVENISTE, 2006; BERTRAND, 2003; LANDOWSKI, 1981).

Diante desses pressupostos, é possível elencar a seguinte problemática de pesquisa: Como é possível analisar e identificar desdobramentos de sentidos em textos sincréticos a partir da concepção ideológica da Sociedade e do Estado? Nesse caso, estamos relacionando os textos sincréticos às manifestações artísticas da linguagem, considerando-as pistas linguísticas para a materialização das ideologias sociais (PEREIRA, 2022; CUNHA, 2011; BERTRAND, 2003; LANDOWSKI, 1981).

O objetivo deste artigo é, com isso, analisar projeções e desdobramentos semióticos em textos sincréticos a partir da concepção enunciativa dos termos Sociedade e Estado, os

¹ Optamos pelo uso do termo “ator social” em detrimento de “sujeito social”, partindo da premissa de que estamos entendendo o homem como ser crítico, engajado em situações sociopragmáticas carregadas por ideologias, tal como assevera Latour (2012).

quais apresentam origem sociológica, antropológica e filosófica. Entendemos que essa iniciativa seja pertinente às discussões no âmbito de investigação das Ciências Humanas e Sociais, considerando a ênfase dada aos comportamentos humanos em múltiplos recortes de investigações.

A Fundamentação Teórica está alojada no campo interdisciplinar dos estudos enunciativos da linguagem, estabelecendo-se na zona fronteira entre Semiótica Francesa (PEREIRA, 2022; PEREIRA, 2019; BLOMMAERT, 2014; BRAIT, 2014; FIORIN, 2011; CUNHA, 2011; BENVENISTE, 2006; BERTRAND, 2003; LANDOWSKI, 1981) e Filosofia da Linguagem (BAKHTIN, 2006; BAKHTIN, 2003; BAKHTIN, 1984; HANKS, 2008; ALTHUSSER, 1999). Compreendemos, por meio desse diálogo teórico, que o entendimento acerca do discurso político, o qual envolve a discussão sobre capitalismo e a classe trabalhadora, é um assunto inesgotável de conjecturas. Essas, por sua vez, podem ser realocizadas² em diversas áreas do saber humano, de maneira a colaborar no entendimento satisfatório sobre atuação política e ideológica do homem.

A Metodologia é de cunho bibliográfico e documental (PEREIRA; ANGELOCCI, 2021; LAKATOS, MARCONI, 2013; SÁ-SILVA *et al*, 2009; BORTONI-RICARDO, 2008; SEVERINO, 2007), pois entendemos que as obras de arte aqui analisadas, chamadas de textos sincréticos, colaboram para o desdobramento de sentidos no que se refere à interferência ideológica do Estado nos seus respectivos significados.

As análises revelam que a construção semiótica dos textos, que constituem o *corpus* deste artigo, é motivada por discursos de uma sociedade capitalista, a qual acaba segregando os grupos sociais, dando margem à assimetria entre subordinantes e subordinados. Dessa forma, reforça a percepção de *Sociedade* e *Estado* enquanto instrumento semiotizadores de costumes e práticas discursivas, as quais colaboram ativamente para o engajamento ideológico do homem dentro de um recorte espacial e temporal (PEREIRA, 2022; BLOMMAERT, 2014; BRAIT, 2014; FIORIN, 2011; CUNHA, 2011; HANKS, 2008; BENVENISTE, 2006; BERTRAND, 2003; ALTHUSSER, 1999; LANDOWSKI, 1981).

Esperamos que este artigo possa se tornar convidativo aos demais pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais, partindo do pressuposto de que o *Estado* em tudo influencia nas nossas tomadas de decisões. Especialmente no que concerne à relação entre capitalismo e estrutura social, podemos entender que a construção constante de poder é inerente ao sistema

² O sentido que aferimos ao termo “relocalização” é condizente com a ideia de ressignificação semântico-ideológica de conceitos culturalmente construídos e individualmente internalizados a partir da relação texto-contexto contida nas práticas sociais (PENNYCOOK, 2010).

capitalista, o qual se desenha a partir do empoderamento simbólico da classe dominante em detrimento da classe dominada (BOURDIEU, 1989).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Noções sobre Linguagem e Semiótica Francesa

Existem várias discussões que tentam dar conta da definição de linguagem, bem como de seus múltiplos desdobramentos, competindo aqui as noções de interrelação, sentidos, comunicação e práticas sociais. Diante disso, é válido afirmarmos que a linguagem é, por si só, um instrumento interdisciplinar³, uma vez que agrega em si competências investigativas de interesse de todas as áreas do conhecimento humano (BENVENISTE, 2006).

Entretanto, o nosso interesse aqui recai sobre a concepção de linguagem como prática social, partindo do pressuposto de que mantém uma relação indissolúvel com as esferas da intencionalidade, historicidade e ideologia. Isso, por sua vez, confere à linguagem competências de poder, capaz de se desdobrar por todos os domínios sociais, agregando valores em todas as comunidades em que opera. Logo, torna-se impossível separar linguagem e sociedade, pois ambos os polos parecem se manter vivos entre si. Em outras palavras, estamos entendendo a linguagem como uma ferramenta social não apenas porque sintetiza valores sociais, mas principalmente tem a sociedade fabricada a partir de si mesma (BLOMMAERT, 2014; BRAIT, 2014; FIORIN, 2011; CUNHA, 2011; HANKS, 2008; DIAS, 2005).

O conceito de linguagem posto acima engloba aspectos históricos de construção discursiva, capazes de sobreviverem um dentro do outro, sendo, pois, relocalizado a depender de forças intrínsecas e extrínsecas por meio das quais são redesenhadas constantemente. Nesse sentido, é possível afirmar que não existe discurso inédito que possa ser transmitido por meio da linguagem, pois subentende-se que todo discurso consiste no revozeamento de um ideal já pré-estabelecido e construído socialmente. Logo, entender as construções de poder do regime capitalista face às demandas de uma sociedade pós-moderna não é algo necessariamente novo, inédito, pois reverbera ideologias já existentes nas bases estatais, as

³ A ideia de “instrumento interdisciplinar” utilizada aqui é confluyente com as pesquisas de Fazenda (2008), a qual entende a interdisciplinaridade como competência imanente da prática humana, a qual nos ajuda a entender a relação entre saberes como um condicionante à compreensão satisfatória dos fenômenos sociais.

quais sempre se utilizaram do homem para impor valores (BAKHTIN, 2006; BAKHTIN, 2003; BAKHTIN, 1984).

É nesse entorno social que a Semiótica Francesa nasce e se estabelece como uma possibilidade teórica emergente no campo dos estudos da linguagem. Na tentativa de mapear sentidos e, assim, entender o percurso em que os significados discursivos são gerados, a Semiótica tem se firmado como uma iniciativa teórico-metodológica para o tratamento de dados gerados ou coletados em qualquer âmbito dos estudos acadêmico-científicos. Isso porque a busca pelos sentidos da linguagem é o seu principal objetivo de investigação (PEREIRA, 2022; PEREIRA, 2019; BLOMMAERT, 2014; BRAIT, 2014; FIORIN, 2011; CUNHA, 2011; BERTRAND, 2003; LANDOWSKI, 1981).

A Semiótica apresenta ferramentas analíticas que buscam uma confluência entre texto, ideologias e sentidos a partir de demandas exofóricas, indispensáveis ao entendimento das manifestações da linguagem. Nesse sentido, podem ser levadas em consideração projeções motivadoras advindas da política, do capitalismo, do socialismo e do Estado, entendendo-os como partes constituintes de uma sociedade movediça, imersas às ideologias múltiplas, costuradas a partir das especificidades pragmáticas de cada uma (BERTRAND, 2003; LANDOWSKI, 1981).

Em suma, podemos dizer que a Semiótica nos ajuda a entender o percurso gerativo⁴ de sentidos de quaisquer manifestações da linguagem, sejam elas de natureza verbal, não verbal e sincrética, sendo essa última uma possibilidade de representação e figurativização de objetos sociais em seu sentido mais amplo. Portanto, é necessário entendermos as pistas linguísticas de cada conceito que criamos socialmente, pois cada um deles nos influencia de uma maneira, pois agrega em si elementos ideológicos para tal (PEREIRA, 2022; PEREIRA, 2019; BRAIT, 2014; BERTRAND, 2003; LANDOWSKI, 1981).

2.2 Articulando as Diretrizes sobre *Sociedade e Estado*: Algumas Discussões Filosóficas

O eixo central de discussão deste tópico reside no Estado como aparelho da sociedade capitalista, ao focar seu papel como agente regulador dos conflitos de ordem social bem como seus limites e acionamentos nos movimentos sociais. Nesse contexto, Mascaro (2013) expressa o estudo da teoria do Estado e da ciência política. Em seu trabalho, o autor analisa o pensamento marxista e sua relação com o Estado capitalista, por meio de projeções

⁴ Estamos nos referindo aqui aos níveis de construção de sentido do discurso: fundamental, narrativo e discursivo (BERTRAND, 2003; LANDOWSKI, 1981).

argumentativas embasadas nas transformações históricas e sociais do referido modelo econômico.

Em sua visão, o papel do Estado extrapola a percepção de instrumento de regulação do neoliberalismo, situado como instrumento de dominação e opressão, de forma a ser superado pela democracia. Esse pensamento, para Mascaro (2013), implica cair em uma armadilha no fetichismo da mercadoria proposto por Marx, em que é atribuído um valor simbólico aos produtos manufaturados na modernidade.

Essas implicações desconsideram o Estado como forma política, de maneira a tecer um olhar para além de seu conteúdo, tal como os interesses que o representam, pois analisar os meandros do Estado é ter a dimensão de que ele não se esgota nos aparelhos institucionais.

Ainda de acordo com Mascaro (2013), o Estado é analisado como forma política do pensamento político-crítico na contemporaneidade. Dessa forma, buscou transcender análises conservadoras, ao observar o papel do Estado com uma “nova roupagem”, a partir de uma perspectiva marxista, de modo a evidenciar as formas sociais do capitalismo e suas diversas nuances e contradições.

O Estado é examinado por Mascaro (2013) com base nas categorias de mercadoria, do valor e das formas sociais capitalistas. Essas, conseqüentemente, atravessadas por enfrentamentos e lutas de classes, transversalizando em temas fundamentais da política contemporânea, como a regulação econômica e as crises fomentadas pelo capitalismo. Portanto:

É no combate à exploração capitalista que são percebidas, concretamente, as dinâmicas e contradições extremas da estrutura política de nossos tempos. O marxismo não só entende a política por horizontes distintos daqueles tradicionais como, na verdade, reconfigura totalmente o âmbito do político e do estatal, atrelando-o à dinâmica da totalidade da reprodução social capitalista (MASCARO, 2013, p. 09).

Desse modo, entende-se que o Estado só pode ser compreendido a partir de uma criticidade da economia política capitalista propagada na totalidade social, pensada a partir da crise de reprodução do capital.

De tal modo, Althusser (1980) explora a concepção ontológica e o ato de assujeitar o sujeito, em que suas práticas estão subordinadas ao aparelho ideológico dominante. Para o autor, o Estado se apresenta em consonância com os pensamentos de Marx, como força de execução e intervenção repressora, estando a serviço da classe dominante. Dessa forma:

O papel do Aparelho (Repressivo) de Estado, na medida em que ele é um aparelho repressor, consiste essencialmente em assegurar, através da força (física ou outro tipo), as condições políticas de reprodução das relações de produção, que são, em última instância, relações de exploração. Não só o Aparelho de Estado contribui para a grande parte de sua própria reprodução (o Estado capitalista contém dinastias políticas, dinastias militares, etc), como também, e acima de tudo, o Aparelho do Estado assegura, através da repressão (desde a mais brutal até a força física, até meras ordens e proibições administrativas, ou a censura franca e tácita), as condições políticas de atuação dos Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1980, p.118).

De acordo com Althusser (1980), o Estado assume posição “repressora”, quando entendemos os movimentos assimétricos que são motivados por intermédio de diretrizes capazes de utilizar-se da força física e ideológica para concretização de algo. Nesse sentido, é possível perceber que o fortalecimento da rede capitalista é, na verdade, consequência de um conjunto de assimetrias desencadeadas na relação entre sujeitos nas estruturas sociais.

Chauí (2008) contribuiu com a reflexão sobre o conceito de ideologia, tecendo uma análise crítica a partir da realidade social, política e econômica, de maneira a destacar o trabalho como concepção de exploração e dominação de uma classe social em detrimento da outra. Chauí (2008), assim como Mascaro e Althusser, debruça-se sobre os pensamentos de Karl Marx. No caso da autora, apresenta o conceito de ideologia em Marx a partir da concepção burguesa do capital, a ideologia da competência, que analisa a sociedade e suas relações.

A autora ainda transcende o conceito de ideologia para além de uma busca pelo ideal, enfatizando que o termo semiotiza, na verdade, um sentido histórico, político e social, o que, muitas vezes, ao ser tecido no pensamento do senso comum, oculta a realidade social e mantém a desigualdade e a exploração.

Nesse contexto, portanto, a ideologia é considerada fruto da alienação social, principalmente nas relações de trabalho no mundo contemporâneo. É a partir desse movimento, para Chauí (2008), que o capital passa a ganhar força e fortalece o conceito de mais valia, baseado nos pensamentos de Karl Marx. A autora pondera ainda que, a partir do princípio da ideologia na sociedade, passou a existir também a divisão social e a exploração do trabalho, em que o homem trabalhador foi excluído de gozar de seus bens produzidos, passando a aceitar a exploração e as desigualdades. Assim:

Vemos, pois, que a mercadoria não é uma coisa (como aparece), mas trabalho social, tempo de trabalho. E que não é qualquer tempo de trabalho, mas tempo de trabalho não pago, portanto a mercadoria oculta o fato de que há exploração econômica. Estamos longe, agora, de aparecer social – estamos diante do modo de constituição real do sistema capitalista. Passamos de algo abstrato e imediato a algo

concreto e imediato: passamos da mercadoria como coisa à mercadoria como valor de uso de troca, destes à mercadoria como trabalho não pago, portanto, à forma de relação social entre o proprietário privado dos meios de produção e o trabalhador por ele explorado (CHAUÍ, 2008, p.51).

Assim como o conceito de ideologia, analisamos a partir de Alves (2010), a concepção de hegemonia, em que a autora também se apoia nas concepções de Karl Marx, refletido nos pensamentos de Antônio Gramsci, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Alves (2010) explica que o construto de hegemonia partiu da tradição marxista para que pudessem ser tecidas distintas configurações sociais as quais se apresentaram em um dado momento na história. Partindo desse pressuposto, é pertinente afirmar que:

A noção de hegemonia propõe uma nova relação entre estrutura e superestrutura e tenta se distanciar da determinação da primeira sobre a segunda, mostrando a centralidade das superestruturas na análise das sociedades avançadas. Nesse contexto, a sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece com constitutiva das relações sociais. Deste modo, uma possível tomada do poder e construção de um novo bloco histórico passa pela consideração da centralidade (ALVES, 2010, p.71).

Ainda nessa lógica de dominação e exploração a partir do capital, Quijano (2005) salienta, clara e objetivamente, sobre o eurocentrismo na América Latina, apresentando, dentre outros elementos, o capitalismo como nova estrutura de controle do trabalho. O autor acrescenta que:

no processo de constituição histórica da América, todas as formas de controle e de exploração do trabalho e de controle da produção-apropriação-distribuição de produtos foram articuladas em torno da relação capital-salário (de agora em diante capital) e do mercado mundial. Incluíram-se a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário. Em tal contexto, cada umas dessas formas de controle do trabalho não era uma mera extensão de seus antecedentes históricos. Todas eram histórica e sociologicamente novas. Em primeiro lugar, porque foram deliberadamente estabelecidas e organizadas para produzir mercadorias para o mercado mundial. Em segundo lugar, porque não existiam apenas de maneira simultânea no mesmo espaço/tempo, mas todas e cada uma articuladas com o capital e com seu mercado, e por esse meio entre si. Configuraram assim um novo padrão global de controle do trabalho, por sua vez um novo elemento fundamental de um novo padrão de poder, do qual eram conjunta e individualmente dependentes histórico-estruturalmente. Isto é, não apenas por seu lugar e função como partes subordinadas de uma totalidade, mas também porque sem perder suas respectivas características e sem prejuízo das discontinuidades de suas relações com a ordem conjunta e consigo mesmas, seu movimento histórico dependia desse momento em diante de seu pertencimento ao padrão global de poder. Em terceiro lugar, e como consequência, para preencher as novas funções cada uma delas desenvolveu novos traços e novas configurações histórico-estruturais (QUIJANO, 2005, p.118).

Desse modo, estabelecia-se um padrão global estruturante das relações de trabalho, caracterizando-se como um conjunto singular das estruturas das relações de produção no contexto do capitalismo mundial.

Ainda nesse sentido, acrescentamos as colaborações de Oliveira (2015) acerca da conjuntura do Estado nas tomadas de decisões das pessoas em sociedade. Em seu trabalho, o autor apresenta a ideia de ação direta do capital, esse considerado como uma recente configuração do poder do capitalismo contemporâneo. Oliveira (2015) explicita a forma de acumulação do capital nas reconfigurações do Estado capitalista, focalizada na era do consumismo. De acordo com o autor:

O sujeito-mercadoria-fetice passa a desenvolver estratégias de conexão e de representação perante um espaço coletivo em que a lógica do mercado impera e que as estruturas de solidariedade coletiva se enfraquecem. Fechado em si próprio e diante da responsabilização individual dos problemas, há um deslocamento da contradição heteronomia/autonomia para a autarquização do indivíduo (OLIVEIRA, 2015, p.417).

Para Dardot e Laval (2016), há uma abordagem acerca das razões neoliberais. Os autores afirmam que existe um esgotamento da democracia liberal, em que é valorizada, muitas vezes, a burocratização. Diante disso, afirmam que há um quadro de desigualdade no acesso às diversas políticas fundamentais, como saúde, educação e emprego, escancarando, desse modo, a exclusão social, de maneira a reforçar cada vez mais um patamar cruel da desigualdade social.

Assim como Dardot e Laval (2016), Han (2017) discutiu, em sua obra, sobre os feitos do neoliberalismo. Para o autor, há um erro no diagnóstico do que é neoliberalismo, pois, segundo Foucault, existe uma racionalidade política e uma maior tendência de monopolização em um contexto do corpo disciplinado baseado na sociedade do desempenho.

Por fim, em termos de considerações finais para este ensaio, é pertinente compreender que há um esvaziamento das estruturas de legitimação do poder do capital diante da sociedade de consumo. Vivemos em um sistema de produção e consumo, e esse é sustentado por mecanismos de exclusão, dominação e opressão. Como visto no decorrer desta disciplina, o Estado se tornou espaço de polícia e não de política, legitimando o esgotamento da democracia.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Critérios para Coleta dos Dados

Os dados de pesquisa utilizados neste trabalho são constituídos por obras de arte imagéticas, as quais versam sobre aspectos da relação de subordinação latente no sistema capitalista e propagada pelo Estado historicamente. Portanto, são textos sincréticos, à luz da Semiótica Francesa, os quais agregam valores ideológicos a partir da relação entre signos linguísticos em sua composição textual.

Como critérios adotados para o recorte dos dados de pesquisa, foram adotadas as seguintes proposições: a) obras de arte sincréticas que foram construídas sob a égide da relação de poder capitalista, em que o menos valorizado pode ser visto como degrau para a ascensão social daquele entendido como mais valorizado; e b) obras de arte em que a influência do Estado, enquanto aparelho social e ideológico, pode ser notada de maneira mais clara e evidente.

Abaixo, apresentamos o Quadro 01, em que é possível identificar as obras analisadas e seus respectivos critérios semióticos.

Quadro 01 – Obras analisadas e seus critérios semióticos

Obras de Arte	Nome	Critérios Semióticos
Figura 01	Os Operários, de Tarsila do Amaral (1933)	Disjunção dos trabalhadores como instrumento de segregação de classes pelo Estado.
Figura 02	O Lavrador de Café, de Cândido Portinari (1934)	Construção de estereótipos advindos do pouco poder aquisitivo.
Figura 03	Fotografia da obra “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin (1936)	A não confluência entre capitalismo e socialismo por questões ideológicas e de poder.

Fonte: Dos Autores

O quadro acima representa aspectos motivacionais para o recorte do *corpus* de pesquisa. Entretanto, não se trata de uma proposta pronta e finalizada, pois entendemos que a construção de sentidos é algo sobretudo complexo. Portanto, é necessário levar-se em consideração o olhar sensível do pesquisador no ato de construção e delineamento do objeto de análise no âmbito da pesquisa científica (MORIN, 2011; MORIN, 2005; MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003).

3.2 Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa é do tipo bibliográfico e documental com abordagem qualitativa. Nesse sentido, é importante levarmos em consideração que o processo de investigação científica é estabelecido por meio de um rigor sistematizado de procedimentos, os quais devem ser mobilizados em confluência com demandas sociais vigentes e satisfatórias na busca da resposta do problema de pesquisa (PEREIRA; ANGELOCCI, 2021; LAKATOS, MARCONI, 2013; SÁ-SILVA *et al*, 2009; BORTONI-RICARDO, 2008; SEVERINO, 2007).

Esta pesquisa se desenvolve como bibliográfica e documental, pois estamos entendendo os textos sincréticos aqui analisados como recorrências documentais eficientes quanto ao entendimento das ideologias capitalistas do Estado. Trata-se, portanto, de uma convergência teórico-metodológica capaz de oferecer instrumentos para o tratamento de documentos que semiotizam práticas sociais relocalizadas dentro de um recorte de tempo. Isso nos permite resgatar fatos históricos carregados de valores e ideologias documentadas nas referidas obras de arte (PEREIRA; ANGELOCCI, 2021; SÁ-SILVA *et al*, 2009).

No que compete à abordagem de pesquisa, temos a abordagem de natureza qualitativa por considerarmos que os dados foram tratados a partir de uma perspectiva intersubjetiva, a qual tentou valorizar as forças ideológicas contidas nos textos sincréticos. Logo, a pesquisa qualitativa nos ajuda a entender aspectos discursivos implícitos nos dados, o que exige do pesquisador um olhar sensível e apurado às práticas humanas que perpassam pelo *corpus* (PEREIRA; ANGELOCCI, 2021; LAKATOS, MARCONI, 2013; BORTONI-RICARDO, 2008; SEVERINO, 2007).

Em suma, a construção do percurso metodológico deve colaborar para o entendimento da análise dos dados, que segue um panorama galgado em diretrizes contextuais, as quais costumam orientar o pensamento analítico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

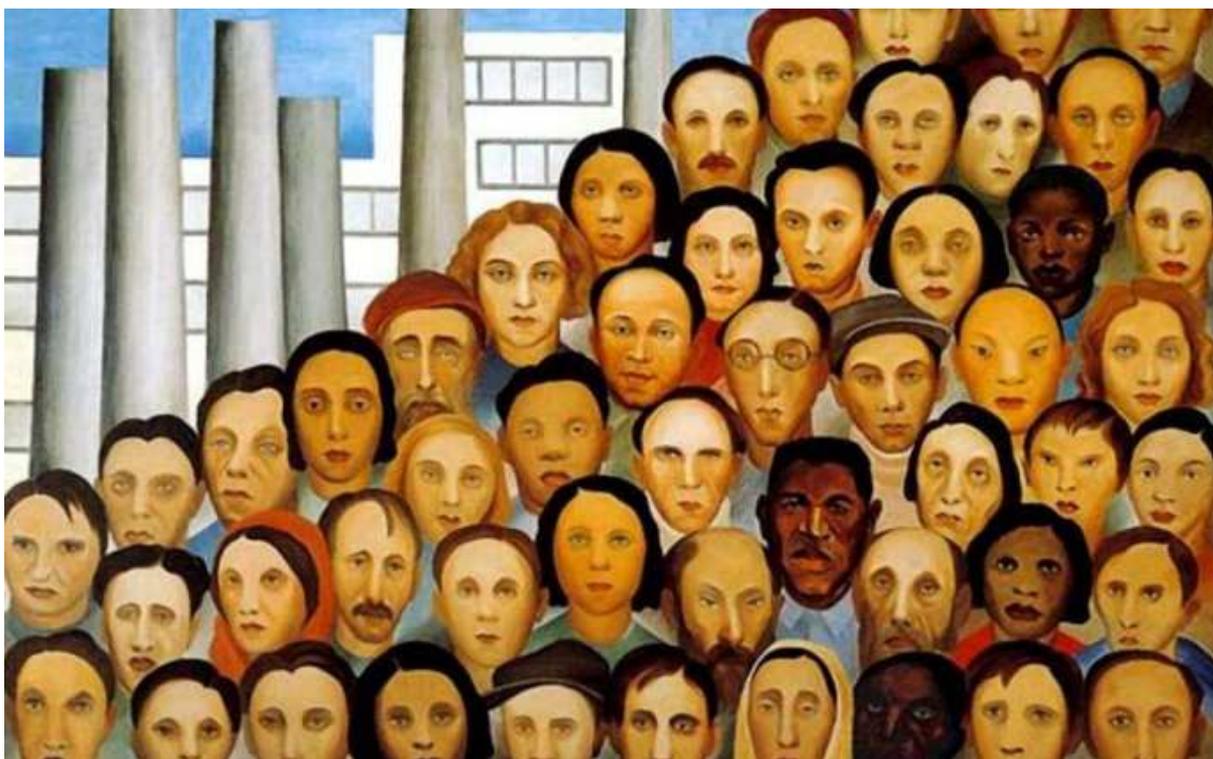
4.1 Apresentação dos Dados de Pesquisa: Analisando Textos Sincréticos

Neste tópico, apresentamos algumas projeções analítico-descritivas a partir do poder do Estado na construção de valores sociais, coletivos e individuais, na manutenção de discursos de poder e repressão por parte do sistema capitalista. Para isso, elencamos três

textos sincréticos que semiotizam aspectos de dominância capitalista de maneira bastante evidente.

A Figura 01 é a representação da obra “Os Operários”, de Tarsila do Amaral, originalmente composta em 1933. Trata-se de um dos trabalhos mais conhecidos da artista.

Figura 01 – Os Operários, de Tarsila do Amaral (1933)



Fonte: <http://www.conhecendomuseus.com.br/noticias/>

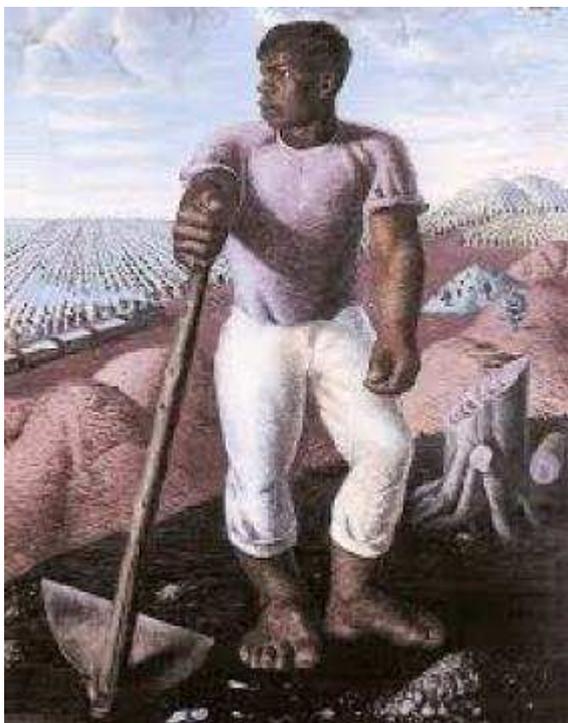
A obra de Tarsila do Amaral ilustra, poeticamente, a pluralidade da mão-de-obra trabalhadora no contexto social brasileiro dos anos 1930. Por meio da representação de uma gama de etnias, a artista procura captar a alma do momento da economia do Brasil: o fluxo migratório de pessoas que partem do interior para tentar a vida na cidade grande, no Estado de São Paulo. Na ocasião, o referido fluxo encontrava motivação precípua na possibilidade de serem empregados nas indústrias paulistas, as quais passavam por um momento de auge. Os diferentes semblantes e cores procuram dar conta da massificação da mão-de-obra, ocorrida em grande escala na época.

Do ponto de vista semiótico, há, na obra de Tarsila, forte recorrência aos desdobramentos capitalistas da era das grandes revoluções industriais. Isso se comprova pelo excesso de atores sociais que se acotovelam na tentativa de conseguir um “lugar ao sol” e, com isso, garantirem o seu sustento. Partimos do princípio de que o discurso poético da obra acaba eufemizando o teor chocante do texto, considerando que os recursos imagéticos

revelam competências sensoriais capazes de suavizar as projeções de assimetria selvagem do capitalismo. Entretanto, entendemos também que os rostos semiotizados no quadro parecem estar cansados, o que acaba sugerindo o grau de desmotivação e obrigatoriedade exigido pelo Estado, com a finalidade de garantir a sobrevivência na selva capitalista (BLOMMAERT, 2014; BRAIT, 2014; FIORIN, 2011; CUNHA, 2011; ALTHUSSER, 1999).

A Figura 02 é a representação da obra “O Lavrador de Café”, de Cândido Portinari, originalmente composta em 1934. Trata-se de uma das pinturas mais populares do artista, sendo, pois, comumente difundida em livros e instrumentos didáticos de História Geral e Literatura Universal.

Figura 02 – O Lavrador de Café, de Cândido Portinari (1934)



Fonte: <http://www.conhecendomuseus.com.br/noticias/>

A obra de Cândido Portinari ilustra a exposição de um trabalhador negro, descalço e de ferramentas braçais nas mãos. Provavelmente, sem recursos financeiros e intelectuais, já que, costumeiramente, os trabalhadores das fazendas de café, no século XX, não gozavam de estudos e nem de instruções intelectuais.

Do ponto de vista semiótico, é possível perceber a construção de estereótipos sociais a partir de várias perspectivas. Assim, há a reafirmação de uma visão subalterna do trabalhador braçal que o distancia de qualquer referência intelectual, de maneira a conferir-lhe características rústicas, sem qualquer tipo de refinamento. Isso, por sua vez, coloca o

trabalhador na condição de subserviente do regime capitalista, relocalizando-o como uma espécie de figura folclórica da assimetria capitalista. Por intermédio de uma sistematização sêmica, podemos reiterar que o Estado opera na condição de sistema organizacional e ideológico a partir da marginalização daqueles que são menos favorecidos economicamente (FIORIN, 2011; CUNHA, 2011; BERTRAND, 2003; ALTHUSSER, 1999).

A Figura 03 é a representação fotográfica do filme “Tempos Modernos”, originalmente difundido em 1936. Trata-se de uma das películas mais conhecidas de Charles Chaplin, tendo se firmado na história mundial como uma das obras cinematográficas mais icônicas de todos os tempos.

Figura 03 – Fotografia da obra “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin (1936)



Fonte: <http://www.conhecendomuseus.com.br/noticias/>

A fotografia acima ilustra um dos momentos mais representativos da película estrelada por Chaplin: quando o protagonista é confundido com um comunista, em razão de ter mantido contato físico com uma bandeira vermelha. Isso, por sua vez, teria desencadeado uma série de situações na construção linear e fabular do enredo. Tais situações foram motivadas por razão ideológica, uma vez que os demais personagens da cena representavam as ideologias capitalistas, regime filosófico-social oposto ao comunismo.

Do ponto de vista semiótico, podemos considerar dois elementos basilares aos desdobramentos de sentidos contidos na imagem: a importância das cores na estruturação e perpetuação de mecanismos ideológicos historicamente marcados; bem como a dissonância socialmente participativa entre comunistas e capitalistas. Nesse sentido, entendemos que o significado do discurso reside no fato de tratar, do ponto de vista humorístico, a transformação do homem em máquina face às demandas do sistema capitalista, o qual se firma pela busca desumana do lucro e da objetificação do homem no contexto do trabalho (PEREIRA, 2022; BLOMMAERT, 2014; FIORIN, 2011; BERTRAND, 2003; LANDOWSKI, 1981).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos projeções investigativas sobre a influência do Estado no comportamento humano, por meio de tentativas analítico-descritivas de textos sincréticos a partir dos direcionamentos da Semiótica Francesa e da Filosofia da Linguagem. Nesse sentido, entendemos o Estado como instrumento ideológico capaz de introjetar discursos pré-estabelecidos, os quais, por vezes, se constroem a partir da assimetria entre atores sociais no contexto capitalista.

A partir disso, podemos dizer que este trabalho agrega importância social e acadêmico-científica, pois nos convida a pensar a estrutura social como algo histórico e geograficamente carregado de sentidos. Isso, por sua vez, reverbera um alicerce cultural cristalizado a partir de interferências discursivas múltiplas que, uma vez realocizadas, ajudam a diagnosticar a anatomia de um homem líquido e facilmente influenciado por um sistema de desigualdades (ALVES, 2022; MASCARO, 2013; ALTHUSSER, 1999).

Em suma, entender a sociedade como um meio que agrega pessoas de todas as procedências nos soa como algo convidativo, no sentido de que estabelecer relações que visam ao bem-estar social sempre foi um mecanismo desafiador em todas as áreas do conhecimento humano, tal como defende Sartori (2020) em sua pesquisa. Considerando o percurso analítico desenvolvido neste trabalho, isso se deve à própria natureza do sistema capitalista que nos induz a um olhar de desigualdade e injustiças.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis: Vozes: 1999.

ALVES, A. R. C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**, 2010, n. 80 [Acessado 10 jul. 2022] , pp. 71-96.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2003.

BAKHTIN, M. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. London: University of Minnesota Press, 1984.

BAUMAN, Z. **Vida para o Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Contexto, 2006.

BERTRAND, D. **Caminhos da Semiótica Literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BLOMMAERT, J. Ideologias Linguísticas e Poder. In.: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (orgs). **Nova Pragmática: Modos de fazer**. São Paulo/SP: Cortez, 2014. p. 67-77.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRAIT, B. Alguns Pilares da Arquitetura Bakhtiniana. In.: BRAIT, B. (org). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 7-10.

CHAUÍ, M. **O que é Ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

CUNHA, D. C. da. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 116-132, 1º semestre 2011.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo: 2016.

DIAS, L. F. Significação, e Forma Linguística na Visão de Bakhtin. In.: BRAIT, B. (org). **Bakhtin: Dialogia e Construção do Sentido**. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 99-107.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: FAZENDA, I (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.

FIORIN, J. L. A Linguagem em Uso. In.: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Linguística: Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 165-186.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. (2ª edição ampliada) Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HANKS, W. F. **Língua como Prática Social: Das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2013.

LANDOWSKI, E. **Le Carré Sémiotique**, Actes Sémiotiques-Bulletin, IV, 17, 1981.

LATOURETTE, B. **Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador/BA: EDUSC, 2012.

MASCARO, A. **Estado e Forma Política**. SP: Boitempo: 2013.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na Era Planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

OLIVEIRA, D. **Ação direta do capital: o poder do capitalismo contemporâneo**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200011. Acesso em: 05 de jun.2022.

PENNYCOOK, A. **Language as a Local Practice**. Routledge, 2010.

PEREIRA, B. G. Semiótica Discursiva e Linguagem Televisiva: Efeitos de Sentidos em Textos Sincréticos. **Revista Acadêmica Digital**, v. 45, p. 1-11, 2022.

PEREIRA, B. G. Percurso gerativo de sentido na perspectiva da semiótica: (des) construindo significados sobre o vídeo *As Brasileiras*. **Revista Querubim** (Online), v. 38, p. 10-16, 2019.

PEREIRA, B. G.; ANGELOCCI, M. A. **Metodologia da Pesquisa**. Pará de Minas (MG): Editora Virtual Books, 2021.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4386378/mod_folder/content/0/Quijano%20Colonialidade%20do%20poder.pdf?forcedownload=1. Acesso em 15 de maio de 2022.

SARTORI, T. L. **Educação, Direitos Humanos e Violência Homofóbica no Ambiente Escolar: A Concepção dos Gestores**. 2020. 130f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS, São Caetano do Sul: SP, 2020.

SÁ-SILVA, J. R. *et al.* Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I. 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SARTORI, T. L.; PEREIRA, B. G. Percepções Sobre Sociedade e Estado a Partir da Semiótica: Olhares Enunciativos em Textos Sincréticos. **Rev. FSA**, Teresina, v.19, n. 9, art. 15, p. 299-317, set. 2022.

Contribuição dos Autores	T. L. Sartori	B. G. Pereira
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X